

TENDÊNCIAS DA PESQUISA EM GEOGRAFIA ECONÔMICA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA ACADÊMICA PAULISTA*

Flaviana Gasparotti NUNES**
Eliseu Savério SPOSITO***

Resumo: O presente artigo procura sistematizar algumas reflexões em torno das abordagens teórico-metodológicas identificadas na produção científica acadêmica paulista na área de Geografia Econômica como elemento para uma avaliação preliminar desta no interior do pensamento geográfico.

Palavras-chave: Geografia Econômica; Abordagem Teórico-Metodológica; Produção Científica; Pensamento Geográfico.

Resumen: El presente artículo trata de sistematizar algunas reflexiones entorno a formas de abordaje teórico-metodológico identificadas en la producción científica académica paulista en el área de Geografía Económica como elemento para una evaluación preliminar de esta en el interior del pensamiento geográfico.

Palabras llave: Geografía Económica; Abordaje Teórico-Metodológico; Producción Científica; Pensamiento Geográfico.

INTRODUÇÃO

Na perspectiva de contribuir para o campo de investigação relacionado à epistemologia da Geografia, procuramos, neste trabalho, fazer uma avaliação crítica de uma de suas áreas, no caso, a Geografia Econômica a partir de sua produção científica mais recente.

A reflexão sobre a Geografia Econômica nos parece relevante, tendo em vista a grande importância exercida pelos processos econômicos em quase todas as situações de nossa existência, além do que nos diferentes fatos que a Geografia estuda e pode explicar, a dimensão econômica quase sempre está presente.

Além disso, tomando a Geografia como área do conhecimento que permite entender os processos determinantes com que a sociedade produz, organiza e se expressa espacialmente entendemos que ela possui um amplo instrumental para explicar as atuais transformações no sistema produtivo e seus reflexos na sociedade. Afinal, essas transformações se expressam territorial e espacialmente; formas (no sentido de entidades de caráter físico e visíveis) e conteúdos (no sentido das relações que se estabelecem entre os agentes em determinado território) deste sistema produtivo trazem reflexos diretos no espaço e no território.

Mesmo não estando explicitamente reunidas sob a denominação de Geografia Econômica, percebemos que as questões que dizem respeito às transformações no sistema

* Este artigo apresenta parte das principais discussões e reflexões realizadas nos capítulos 1 e 2 de nossa dissertação de Mestrado intitulada: A Geografia Econômica na produção científica acadêmica dos programas em pós-graduação em Geografia no estado de São Paulo (1970-1998) orientada pelo Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito e defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP em Fevereiro de 2000.

produtivo e suas conseqüências espaciais são constituintes da pauta do que poder-se-ia chamar Geografia Econômica atual, pois permitem explicar a dinâmica econômica e as novas territorialidades.

Desta forma, a partir do levantamento e análise das dissertações e teses defendidas nos cursos de pós-graduação da USP e da UNESP – campi de Rio Claro e Presidente Prudente - no período de 1970 a 1998 procuramos reunir elementos que nos possibilitassem refletir sobre esta parcela da produção científica em Geografia Econômica, de forma a iniciarmos neste trabalho uma discussão maior sobre o próprio sentido, validade, alcances e limites da Geografia Econômica em geral.

As dissertações e teses foram selecionadas inicialmente a partir do tema/objeto que tratam. Posteriormente, verificamos qual o recorte utilizado pelo autor para tratar a temática. Desta forma, os trabalhos foram selecionados e lidos sendo que procuramos seguir alguns passos apontados por Gamboa (1987)¹ tais como identificação de técnicas e metodologias utilizadas e referencial teórico-metodológico. A partir disso, montamos uma espécie de “banco de dados” reunindo as principais características dos trabalhos analisados para que, então, pudéssemos refletir sobre elas.

A partir destes elementos e características desenvolvemos algumas reflexões sobre as abordagens teórico-metodológicas presentes na produção científica estudada, bem como sobre o econômico e sua presença, lugar, papel nos trabalhos de Geografia Econômica.

O texto que segue procura desenvolver algumas das principais reflexões realizadas neste sentido.

1 PARA DEFINIR GEOGRAFIA ECONÔMICA

Antes de discutirmos especificamente as características e elementos da produção científica em Geografia Econômica, sentimos a necessidade de refletirmos sobre seu significado a partir das próprias definições encontradas em manuais, artigos e outras obras de Geografia.

Um aspecto que nos chamou atenção nas definições encontradas é a grande ênfase dada à localização do consumo e das formas de produção em escala mundial. Nem tanto para as formas de produção (geralmente entendidas apenas no “como se produz” sem levar em consideração elementos estruturantes do processo de produção) e mais para a localização em escala mundial. Desta forma, pode-se dizer que a Geografia Econômica, a partir da maior parte de suas definições preocupa-se com o “o que e onde” se produz identificando e localizando fatos de natureza econômica.

A questão da localização da produção e do consumo é, sem dúvida, o ponto central da Geografia Econômica, segundo as definições encontradas.

Com base nestas definições, nos parece que a Geografia Econômica seria responsável pelo mapeamento das atividades produtivas na superfície terrestre dando ênfase às “semelhanças e diferenças de região para região, pequenas e grandes regiões e nas relações entre estas” (Thoman, 1968 *apud* Megale).

Desta forma, a Geografia Econômica encarregar-se-ia de localizar e descrever as atividades econômicas/produzidas (produção, distribuição e consumo) sobre a superfície terrestre de forma a caracterizá-las.

Os estudos de Geografia Econômica nesta perspectiva, portanto, consideravam as paisagens econômicas numa perspectiva estática, sem buscar as relações e os cruzamentos que as

¹ Gamboa, Sílvia A.S. Epistemologia da pesquisa em educação – estruturas lógicas e tendências metodológicas. Campinas, UNICAMP, 1987. Tese de Doutorado. Este trabalho de Gamboa nos trouxe uma série de esclarecimentos e sugestões a partir da metodologia por ele utilizada para a análise e discussão da produção discente dos cursos de pós-graduação em educação do Estado de São Paulo entre 1971 e 1984.

mar
vas

nos
no
esta
lho
afia

que
ica.
sos
is e
os”
nos

as
e o

ste

ção
do

da
as
em
em
rte
tos

da

vel
as
is”

as
tre

as
as

as.
os
de

diversas instâncias mantêm através dos agentes, instituições, governos e mercados, em diferentes níveis e escalas.

No entanto, acreditamos que esta concepção não consegue explicar satisfatoriamente a complexidade espacial construída a partir das relações econômicas.

Para pensarmos a Geografia Econômica numa perspectiva mais ampla, devemos partir do pressuposto de que esta sustenta-se primeiramente por apresentar uma característica básica: a precedência do fato/evento econômico na determinação dos processos e relações que produzem as diferentes formas espaciais.

Sendo assim, devemos ter claro que a Geografia Econômica procura fazer uma análise geográfica dos fatos econômicos que estão presentes nas diferentes formas espaciais que são produto e condição para o desenvolvimento das forças produtivas e de suas relações determinantes/conseqüentes.

De um modo geral, poderíamos dizer que o enfoque econômico no trabalho geográfico relaciona-se à espacialidade dos fatos econômicos, visto que esses fatos têm a capacidade de se reproduzir e materializar no espaço.

Neste sentido, deve-se ressaltar a importância do “geográfico” em processos histórico-econômicos como os de aprofundamento e complexificação da divisão do trabalho e da acumulação ampliada do capital, além do comparecimento não neutro do território nos processos de reestruturação de mercados ou de reconfiguração de objetos, métodos e processos associados à produção e às novas formas de organização, controle e regulação do trabalho envolvendo agentes tais como firmas, corporações, ramos e indústrias, sindicatos, entre outros. (Magalhães, 1996)

Benko (1996) nos fala em comportamento geográfico das atividades econômicas e acrescentando o que denomina de Geografia Econômica contemporânea chama atenção justamente para as questões que não dizem respeito apenas ao sistema produtivo em si, mas ao papel de outros conceitos e questões como modo de regulação, modelo de desenvolvimento, paradigma tecnológico, entre outros para a compreensão da organização territorial da produção contemporânea. Em outras palavras, não basta localizar a produção, a Geografia Econômica deve buscar explicar o movimento dessa produção e o conjunto de elementos envolvidos que produzem as diferentes configurações espaciais que principalmente neste final de século experimentam grandes mudanças. Compreender essas mudanças em nível espacial seria, então, o papel da Geografia Econômica.

Além disso, a economia está em mutação havendo um novo paradigma técnico-econômico baseado na informação e com ele novos processos e temas (reestruturação industrial, mudanças de trabalho, entre outros). Portanto, não vivemos mais o paradigma da economia espacial, ele não é mais capaz de explicar a realidade, e com isso, a Geografia Econômica precisa buscar outros referenciais.

Neste sentido, Martin (1996, p.56) aponta a necessidade de se fazer uma Geografia Econômica de múltiplas dimensões considerando quatro níveis: microeconomia de indivíduos e empresas, macroeconomia do estado-nação, a economia do capital e as finanças transnacionais e economia global ou mundial.

De qualquer maneira, percebe-se que o espaço a ser considerado é essencialmente o espaço para reprodução do capital, na medida em que a constituição do espaço em sentido amplo tem como princípio básico a dinâmica do sistema capitalista e suas diversas variáveis.

Destacamos, então, a existência de uma base econômica fundamental em fatos que se reproduzem espacialmente, ou seja, o econômico não é a única determinação, mas é uma condição básica para os processos e fenômenos espacializáveis.

2 AS ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS PRESENTES

Pensando a Geografia Econômica no sentido acima esboçado e nos apoiando nas ideias e sugestões apresentadas por Gamboa (1987) tentamos identificar, caracterizar e refletir sobre a Geografia Econômica que vem sendo produzida desde a década de 1970 no âmbito da produção científica acadêmica dos programas de pós-graduação em Geografia no estado de São Paulo².

Após a identificação e incidência das principais temáticas tratadas em cada período pudemos também identificar e refletir sobre as tendências ou referenciais teórico-metodológicos mais presentes no conjunto dos trabalhos e foi a partir disso que desenvolvemos a reflexão sobre as duas grandes abordagens teórico-metodológicas verificadas: a analítico-descritiva e a crítica ou dialética.

3 A ABORDAGEM ANALÍTICO-DESCRITIVA

Grande parte dos trabalhos da década de 1970 são marcados por este tipo de abordagem. Claro que há algumas exceções, além disso, esse tipo de abordagem também pode ser percebido em trabalhos da década de 1980 em menor número. Vejamos alguns exemplos.

O trabalho de Grabóis (1978) expressa com clareza, a partir do seu sumário, a preocupação com um encadeamento lógico da pesquisa que lembra a estrutura das monografias regionais francesas e isso é importante para demonstrar como o autor encaminhou o trabalho. Por esta estrutura percebemos claramente que o autor preocupou-se em localizar a área da produção falando de suas características gerais como população, atividades econômicas, clima, relevo, etc. Depois fez um histórico do produto e da produção na área mostrando sua distribuição territorial nas zonas produtoras, além dos tipos de produção. O capítulo seguinte trata de uma descrição do quadro agrário incluindo dados sobre a produção, produtores, estrutura fundiária e relações de trabalho. A comercialização é tratada a partir de dados sobre o valor e volume dos produtos comercializados no mercado interno e externo.

Outro fato a ser destacado é a importância dada ao empírico à medida em que grande parte do trabalho é dedicada à apresentação e discussão das características gerais da área e dos dados (obtidos em trabalho de campo) sobre a produção incluindo a estrutura fundiária e as relações de trabalho.

O trabalho de Grabóis nos lembrou muito o tipo de abordagem consagrada nos Manuais de Geografia Econômica³ que têm justamente a mesma preocupação, ou seja, descrever a atividade econômica a partir de sua localização, mostrando a evolução desta e os principais elementos que a compõem. O fato do autor fazer descrições não é um demérito para o trabalho. A questão é que o trabalho se restringe a isso, ou seja, a fazer uma grande caracterização do tema, da questão não buscando uma problematização sobre essa.

Uma outra característica que podemos destacar nos trabalhos de Geografia Econômica do período é que possuem uma parte especificamente econômica quando tratam da questão da comercialização ou distribuição de determinado produto. O trabalho de Silva (1977) é um exemplo disso: primeiro a autora fala sobre a história do produto e as características da produção, no caso, da batata para depois falar sobre a comercialização e a distribuição das áreas produtoras, chegando assim à "parte econômica do trabalho". Além disso, essa "parte

² Acreditamos que o fato de termos eleito o estado de São Paulo como "território" não significa uma limitação ou uma preocupação local. Deve-se lembrar que até meados da década de 1980 os cursos da FFLCH/USP e IGCE/UNESP formavam grande parte dos geógrafos que atuavam nas universidades de todo o Brasil, sendo portanto, cursos de alcance nacional.

³ Em nosso trabalho "Geografia e Economia: fronteiras e convergências – um estudo da produção científica na área de Geografia Econômica", 1997 discutimos as principais características e limitações dessas obras a partir da análise de determinados elementos que as compõem como estrutura e organização das obras, temáticas abordadas, utilização de recursos gráficos, cartográficos e estatísticos, referencial bibliográfico e nível de aprofundamento dos conteúdos.

as idéias sobre a produção do período, geográficos sobre a crítica

agem. Seabrida

ção, a grafias do. Por produção na, etc. terial e não do tes de estudos

grande e dos e e as

mais ter a mpais do. do

êmica não da e um da áreas parte

do ou PIB e sendo,

na ter da das, dos

"econômica" muitas vezes é constituída da descrição dos processos, ao mesmo tempo em que procura relacionar o geográfico ao quadro natural.

Alguns trabalhos até apontam problemas através de algumas constatações. A questão é que não há uma discussão mais abrangente sobre esses problemas à medida em que a preocupação central dos trabalhos é fazer uma análise mais descritiva. O trabalho de Pontuschka (1979) é um exemplo disso.

As características que procuramos evidenciar acima, através de alguns exemplos, podem ser encontradas em muitos outros trabalhos do período. No entanto, também devemos salientar que dentro desta década há trabalhos que se destacam por não seguirem essa mesma orientação, que procura, basicamente, localizar e descrever um determinado fato de natureza econômica.

O trabalho de Seabra (1973) é um exemplo claro disso. Seabra estuda as cooperativas do ponto de vista de sua atuação enquanto empresas cooperativas no sistema capitalista. O sentido da Geografia Econômica de seu estudo está justamente no fato de que os elementos econômicos da empresa e seu processo de inserção no mercado são analisados destacando-se a territorialização das empresas e seu papel na organização de uma porção do espaço brasileiro em determinado período. Desta forma, estão presentes questões como fontes de capitais e sua atuação e os setores de atividades (vendas da produção, compra e distribuição, entre outros serviços oferecidos pela cooperativa) e a estrutura político-administrativa desta.

Embora Seabra não discuta questões de cunho mais teórico e não demonstre uma preocupação explícita com o desvendamento de contradições, o inovador no trabalho é justamente a sua concepção de Geografia Econômica mais dinâmica, procurando relacionar os fatos no contexto da economia no sistema capitalista, mesmo que não faça críticas a este, ou seja, Seabra insere a temática capitalista de forma explícita e histórica como algo que permeia todo o trabalho.

Percebemos que há um rompimento com a concepção de Geografia Econômica implícita nos trabalhos anteriormente citados, que procuravam caracterizar um fato econômico em determinado lugar à medida em que não havia uma "parte econômica" no trabalho. O econômico permeia toda a discussão, pois percebemos uma amarração dos fatos que em outros trabalhos são apenas descritos procurando mostrar a lógica das empresas cooperativas que muitas vezes está fundamentada em fatores a-espaciais, mas se espacializa.

Outro trabalho que deve ser lembrado por se destacar no período é o de Oliveira (1978), essencialmente por adotar uma perspectiva teórico-metodológica "inovadora": o materialismo histórico dialético. Ele pretende mostrar o caráter de classe da obra de von Thünen e sua aplicação nos estudos de Geografia Agrária.

Pela leitura do trabalho de Oliveira percebemos como abordou a teoria do "estado limitado" de von Thünen de forma a fazer uma defesa aberta do instrumental do materialismo dialético para os estudos geográficos mostrando as fragilidades, incoerências e o caráter de classe da corrente neopositivista⁴. Claro que é um trabalho que não enfoca um produto ou um elemento econômico e, sim, a questão teórico-metodológica de uma determinada estrutura econômica. No entanto, ele poderia ter discutido a mesma teoria apenas analisando descritivamente seus principais elementos, mas não foi o que ele fez.

De uma forma geral, podemos dizer que os trabalhos de Geografia Econômica da década de 1970 são marcados por uma abordagem analítico-descritiva que evidencia o empiricismo em sua maioria, onde também, podemos verificar o surgimento de abordagens que procuraram ir além disso ao apontarem para leituras de ordem materialista histórica dialética.

4 A ABORDAGEM CRÍTICA OU DIALÉTICA

⁴ Em seu trabalho, Oliveira nos mostra vários exemplos de como muitos trabalhos de geografia reproduziram as leituras de Thünen de forma a constituírem a concepção de Geografia defendida pela corrente neopositivista.

Nos trabalhos defendidos na década de 1980 pudemos perceber algumas mudanças na abordagem em comparação aos trabalhos da década anterior. A principal mudança, ao nosso ver, é que grande parte dos trabalhos passam a ser orientados por uma abordagem mais voltada às bases teórico-metodológicas do materialismo dialético que começa a ser introduzido e utilizado por muitos geógrafos que não mais se satisfaziam com as explicações do chamado positivismo da Geografia Clássica⁵. Nos trabalhos de Geografia Econômica isso também teve grande importância, à medida em que o tom da crítica adotado pela Geografia a partir da década de 1980 esteve presente nesses trabalhos. Além disso, também, principalmente nos trabalhos defendidos no IGCE/UNESP comparece a vertente chamada Teórica expressa nos trabalhos que se utilizam exclusivamente de dados estatísticos e modelos quantitativos para tratar os temas tais como os de Correa (1981), Miorin (1982) e na FFLCH/USP o de Digiacomo (1991), que embora seja do início da década de 1990 mostra como ainda nesse período essa abordagem esteve presente.

O trabalho de Correa, por exemplo, discute a atividade agrícola e a evolução da modernização da agricultura no estado de Santa Catarina no período de 1950 a 1975. Para determinar o índice de modernização, a autora utiliza-se do método estatístico de Buttner (1976). Já o trabalho de Miorin utiliza a análise fatorial para caracterizar a modernização da agricultura no centro novo oeste do Rio Grande do Sul.

No caso de Digiacomo, o estudo aborda o interrelacionamento entre as atividades econômicas e as rodovias num conjunto de municípios de Santa Catarina tomando por base a Teoria dos Grafos e uma bateria de programas de computador.

O que se percebe nesses trabalhos é uma mera aplicação do método estatístico, de acordo com os dados da área em estudo no sentido de mostrar a validade destes. Desta forma, fazem uma Geografia “descomprometida” que visa apenas a aplicação de métodos e modelos quantitativos.

O aparecimento de temáticas como relações capital-trabalho, subordinação do trabalho pelo capital a partir do exemplo do pequeno produtor, da entrada do capitalismo na agricultura via modernização e agroindústria mostram que a preocupação com a crítica esteve presente, ou seja, o referencial teórico ligado ao marxismo realmente trouxe modificações em relação à concepção de Geografia Econômica que se expressava anteriormente.

Também nas questões mais específicas como modernização da agricultura e pequena produção houve uma utilização recorrente de autores e obras não especificamente geográficas, mas que são consideradas clássicas para essas questões. Na verdade, são poucas as obras especificamente geográficas citadas nestes trabalhos.

É comum encontrarmos nos trabalhos desse período citações justificando a utilização do método dialético como nos de Scarlato (1982), Asari (1984) e Silva (1986).

Desta forma, houve uma incorporação do materialismo histórico e dialético a partir das obras de Marx, Engels, Lenin, Rosa Luxemburgo, entre outros como referenciais para a maioria dos trabalhos como pudemos observar verificando a bibliografia destes em comparação com o período anterior.

Aparecem, com frequência, termos como acumulação de capital, mais-valia, reprodução do capital, reprodução das forças produtivas, subordinação do trabalho ao capital, entre outros, provenientes da teoria marxista.

Tendo em vista esse referencial teórico que possibilitou uma nova abordagem aos temas da Geografia Econômica, notamos que na década de 1980 há um número considerável de

⁵ Desde a metade da década de 1970 já havia textos apontando para uma revisão crítica da Geografia visando romper com o positivismo. Entre eles podemos citar: Capel (1982) *Filosofia y Ciencia en la Geografia Contemporanea*. Barcelona: Barcanova, 1982; Harvey, David. *Justiça Social e a Cidade*. São Paulo: Hucitec, 1980.; Quaini, Massimo. *Marxismo e Geografia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979; Lacoste, Yves. *A Geografia: isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra*. Campinas: Papyrus, 1988.

trabalhos voltados à questão da existência de relações não-capitalistas no modo de produção capitalista a partir de vários exemplos (estudos de caso). Com esta preocupação podemos citar, por exemplo, os trabalhos de Garrido Filha (1983) e Silva (1986).

Os trabalhos sobre indústria já mostram a preocupação em relacionar seu desenvolvimento com a produção do espaço urbano como no trabalho de Rodrigues (1980).

Outros trabalhos do período discutem a temática da produção do espaço urbano pela abordagem do materialismo dialético como os de Beltrão Sposito (1983), Sposito (1990), Santos (1994) e Beltrão Sposito (1991) para citar apenas alguns que enfocam a questão da renda da terra urbana, temática presente nos trabalhos geográficos da década de 80 e início da década de 90.

De um modo geral, esses trabalhos procuravam discutir os agentes econômicos que produzem o espaço urbano e os processos que levam à apropriação, por parte desses agentes, da renda da terra urbana.

Devemos notar, também, que entramos na década de 1990 seguindo a abordagem teórico-metodológica que vinha se desenvolvendo na década anterior, ou seja, o materialismo dialético continuou como a referência mais importante para os trabalhos. Mesmo assim, ainda percebemos algumas permanências da própria década de 1970, principalmente, no que diz respeito à estrutura de alguns trabalhos que ainda seguiam o estilo das monografias regionais mencionando um referencial marxista.

O trabalho de Gomes (1994) mostra bem isso: para discutir o capital como organizador do espaço agrário através do exemplo da pecuária leiteira no Bolsão Sul-Matogrossense a autora primeiro faz uma caracterização da área de estudo (quadro físico, atividades econômicas) depois dá um histórico da atividade leiteira e da indústria de laticínios na área para então chegar à caracterização da economia leiteira do Bolsão a partir dos dados coletados em pesquisa de campo. Além disso, insere o papel do Estado na economia leiteira.

É interessante notar que embora se utilize de uma estrutura "clássica", a autora busca discutir os agentes envolvidos na questão extrapolando o nível da localização e descrição em si.

A importância dos agentes produtores do espaço se torna uma preocupação marcante durante a década de 1990. Nos trabalhos sobre indústria, por exemplo, verificamos claramente tal preocupação. Na década de 1990 notamos o surgimento de novos temas relacionados à questão da indústria. Os trabalhos de Lima (1994) e Pires (1995), por exemplo mostram como isso ocorreu.

Lima (1994) procura analisar um dos aspectos do meio técnico científico informacional⁶ através do exemplo dos núcleos de indústrias e serviços em torno de ambientes de elevado nível técnico científico, os tecnopólos, a partir do exemplo de São Carlos (SP). Trata-se de uma questão que ganhou bastante importância nesta década trazendo uma nova discussão para a Geografia e em particular para a Geografia Econômica.

A partir desses trabalhos percebemos o quanto a técnica passa a ser importante para a compreensão do espaço neste período mais recente. As questões tratadas pela Geografia Econômica, portanto, também passaram a incorporar essa dimensão no que diz respeito principalmente à indústria de alta tecnologia constituindo o que poderíamos chamar de tema da "Geografia Econômica atual". No mesmo sentido, o trabalho de Pires (1995) abordou a questão da reestruturação industrial e a alta tecnologia a partir do exemplo das indústrias de informática em São Paulo. Como Lima (1994), Pires também se refere às atuais mudanças no sistema produtivo e sua relação com a produção do espaço.

O trabalho de Mendes (1997) é outro exemplo de como os trabalhos de Geografia Econômica passaram a discutir as transformações conseqüentes da flexibilização da economia em diversos setores. Mendes trata especificamente do pólo têxtil de Americana procurando mostrar suas relações de produção e a crise numa estrutura produtiva ultrapassada para o atual momento da economia.

⁶ Aqui o autor toma por base o conceito desenvolvido por Milton Santos (1991)

Rossetti (1996) aborda uma outra questão também característica do período em exame a terceirização na indústria. Para isso, a autora faz uma análise das transformações industriais desde o período fordista até a flexibilização verificando suas implicações no que diz respeito a relações de trabalho, relações sociais, propriedade da terra, sindicatos, legislação e Estado tomando o exemplo da cidade de Limeira (SP).

Devemos ressaltar que a abordagem teórico-metodológica utilizada pelos autores para discutir essas questões mais "recentes" difere um pouco do que vínhamos chamando anteriormente de uma abordagem dialética. Não que os autores não utilizem a dialética ou o materialismo dialético, essa referência teórico-metodológica continuou presente mas não de forma tão enfática como no início da década de 1980 e até meados da década de 1990. Surgem novas discussões em torno das abordagens teórico-metodológicas havendo reinterpretções e novas idéias para se pensar as questões econômicas.

Da mesma forma que a indústria, o comércio também passou a ser estudado enfocando novas questões. Os trabalhos de Araújo (1997), Cleps (1997) e Ortigoza (1996) são exemplos disso.

Ao mesmo tempo em que verificamos essas mudanças em termos de abordagem das temáticas, também notamos algumas permanências em relação ao período anterior. O trabalho de Tsukamoto (1994) embora defendido quase na metade da década de 1990 ainda aborda a questão da subordinação dos produtores de chá aos proprietários dos chazais e às empresas processadoras com o mesmo enfoque dos trabalhos da década de 1980 que citamos anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos observar, verificamos basicamente duas abordagens teórico-metodológicas nos trabalhos analisados: a analítico-descritiva e a crítica ou dialética. Essas abordagens podem ser relacionadas com o que Gamboa (1987) chama de tendências metodológicas empírico-analítica e crítico-dialética.

Neste sentido, os trabalhos com tendência empírico-analítica são aqueles em que verificamos o predomínio de uma análise descritiva sobre a temática havendo uma grande valorização do empírico. Os trabalhos, neste caso, possuem uma estrutura semelhante àquela das monografias regionais francesas sendo voltados à uma descrição minuciosa da área ou lugar onde se expressa o fato, ou às vezes o fato ou a temática estudada é a própria área ou região. Os trabalhos com tais características são principalmente aqueles defendidos durante a década de 1970 na FFLCH/USP e nos trabalhos do início da década de 1980 no IGCE/UNESP, embora como já mostramos, existem exceções e trabalhos que se destacam por apresentarem características diferenciadas da maioria.

Os trabalhos com tendência crítico-dialética aparecem a partir da década de 1980 estando presentes até os anos mais recentes da década de 1990 embora já "mesclados" com outras tendências, não apresentando uma abordagem materialista dialética *strictu sensu*. Essa tendência aparece nos trabalhos dos três cursos estudados.

Se formos analisar em termos de mudanças significativas nos trabalhos durante o período analisado, poderíamos eleger como marcos importantes dentro da produção científica acadêmica em Geografia Econômica alguns trabalhos que, ao nosso ver, trouxeram ou iniciaram uma nova abordagem nessa área.

Um deles é o trabalho de Seabra (1973) que como já dissemos anteriormente, embora tenha sido defendido no início da década de 1970, não apresenta as características da maioria dos trabalhos do período, discutindo questões que vão além do lugar e da temática em si. Neste sentido, o autor imprime uma concepção de Geografia Econômica mais dinâmica à medida em que não há uma "parte econômica" específica, o viés econômico aparece permeando todo o

exame:
industriais
respeito à
Estado
res para
mando
ou o
ção de
urgem
ções e
ocando
emplos
em das
alho
orda a
presas
amos
tórico-
Essas
ências
que
grande
das
lugar
Os
de
mbora
tarem
1980
com
Essa
ente o
tífica
teram
poora
dos
Neste
em
só o

trabalho, diferente da maior parte dos trabalhos do período em que o econômico aparece como uma "parte", geralmente quando se fala da comercialização, da produção agrícola ou industrial e assim por diante.

O trabalho de Oliveira (1978) merece destaque pelo fato de adotar o materialismo dialético como opção teórico-metodológica, algo não ocorrido nos trabalhos até então.

A partir disso, inaugura-se uma nova abordagem teórico-metodológica nos trabalhos de Geografia Econômica e a maioria deles adota esse referencial rompendo com os princípios da Geografia tradicional ou positivista e também da neopositivista. Claro que isso não ocorreu de forma absoluta; vemos que mesmo na década de 1980 e início da década de 1990 podem ser encontradas algumas permanências.

Tendo em vista essa mudança de referencial teórico-metodológico, como podemos caracterizar, então, a Geografia Econômica presente nos trabalhos? Que avaliação podemos fazer dela?

Para refletirmos sobre essas questões é necessário que tenhamos em mente o contexto e as mudanças ocorridas na Geografia em geral. Não é por acaso que identificamos como um dos "divisores de águas" dentro da Geografia Econômica o trabalho de Oliveira (1978).

É justamente nesse período que a Geografia brasileira começa a viver um momento de contestação e discussão de novas bases teórico-metodológicas, de um novo paradigma já que o positivismo clássico mostrava-se insuficiente para apreender a complexidade da realidade. Nos termos de Oliveira (1999, p. 59) "*com o marxismo, começa a batalha pelo desmascaramento do discurso pretensamente neutro e objetivo presente no positivismo e no empirismo lógico, e mesmo no historicismo.*"

A partir dos trabalhos analisados vemos que, anteriormente, tínhamos uma Geografia Econômica descritiva e voltada ao estudo de produtos como, por exemplo, culturas agrícolas, pecuária ou mesmo de fatos econômicos numa determinada porção do território, havendo dentro dos trabalhos uma visível "parte econômica". Nesses trabalhos a preocupação era fazer um trabalho geográfico, portanto deveria haver um exemplo localizado no território, e o econômico era uma parte dentro desse trabalho geográfico em que se falava daquilo que poderia ser relacionado com o econômico: a comercialização, a produção agrícola ou industrial etc.

Neste sentido, o geográfico e o econômico estavam nitidamente separados. A junção ocorreria quando fosse realizada a distribuição geográfica do fato: a cultura de batata no estado de São Paulo, a bananicultura no litoral, a pecuária em Barretos, a floricultura em Barbacena, a agroindústria em Sertãozinho e assim por diante.

Já nos trabalhos que procuraram adotar o referencial do materialismo dialético, a Geografia Econômica aparece de forma diferente. O econômico passa a ser visto como integrante da reflexão, como um elemento explicativo para se pensar uma dada realidade, não mais como um elemento em si. O capital e as relações capitalistas não são algo "espontâneo", mas do que nunca há agentes concretos envolvidos nessas questões. E se isso se expressa no espaço, ou seja, se essas relações se espacializam através de atividades, fluxos e trocas, há uma natureza extremamente dinâmica envolvida no processo.

Por isso, não basta apenas descrever e localizar, deve-se buscar compreender os determinantes, conseqüências, agentes e relações envolvidas no fato. A agricultura, a indústria, o comércio e serviços precisam ser entendidos a partir do sistema em que estão inseridos e das relações de produção que os determinam.

Desta forma, deve-se ir além da descrição e valorização do empírico. O mais importante nisso a ser o método, o referencial teórico-metodológico é que encaminhará a reflexão fazendo com que o econômico dentro da Geografia Econômica não seja apenas uma "parte".

Claro que muito da forma em termos de estrutura dos trabalhos de Geografia Econômica e de Geografia produzidos até hoje ainda carregam um forte traço das monografias regionais francesas que foram durante muitos anos o maior referencial para os trabalhos

geográficos no Brasil. No entanto, o que deve ser ressaltado é o encaminhamento dado aos trabalhos a partir da internalização do materialismo dialético.

Qual a concepção de objeto que passa a ser colocada a partir dessa opção de método para a Geografia Econômica, então?

Pode-se dizer que da mesma forma que na Geografia Econômica, o grande “divisor de águas” em termos de discussão do objeto e método da Geografia foi o movimento de renovação principalmente ligado à Geografia Crítica na medida em que propiciou um rompimento em termos de como analisar a realidade. Neste sentido, a discussão do objeto da Geografia pode ser pensada a partir da ruptura acontecida quanto ao método com o movimento de renovação. A unidade da ciência geográfica dada pelo fundamento empirista formulado pela “Escola Alemã” é colocado em cheque pela disseminação do instrumental fornecido pelo materialismo histórico e dialético de Karl Marx e Engels⁷.

Já no final da década de 1980 e início da década de 1990 passa-se a analisar e refletir criticamente sobre a vertente crítica da Geografia⁸. Sob esse clima de questionamento e busca de novos paradigmas, começam a ser introduzidas novas abordagens teórico-metodológicas como a fenomenologia, por exemplo.

No caso da Geografia Econômica, percebemos que o materialismo dialético persistiu na maior parte dos trabalhos, mas de forma menos incisiva que no período anterior, à medida em que a própria mudança no espaço econômico mundial, a partir do novo paradigma produtivo baseado na técnica e informação, trouxe a necessidade de leituras desse espaço pautadas em outros referenciais teóricos que possuíssem elementos para uma nova interpretação do capitalismo⁹.

Neste sentido, pode-se dizer que o momento atual é de busca de novas abordagens que possam melhor explicar as transformações vividas neste final de século. No entanto, deve-se ressaltar que o materialismo dialético não foi totalmente descartado como abordagem teórico-metodológica para a leitura do espaço. Muitos de seus elementos ainda são válidos para a interpretação e entendimento da realidade estando presentes na análise geográfica.

Sendo assim, podemos dizer que o econômico, nos trabalhos da década de 1970, principalmente, era uma “parte” do trabalho geográfico. Os trabalhos, então, estudavam uma temática econômica (porque envolvia produção agrícola, industrial ou comércio) com uma nítida separação entre o econômico e o geográfico. O geográfico poderia ser identificado ao momento em que se fazia a caracterização da área destacando seus aspectos físicos e históricos, a população, etc. O econômico ficava relacionado aos aspectos da produção em si (quando se falava em volume, comercialização etc). A Geografia Econômica se fazia da junção entre o geográfico e o econômico, geralmente quando aparecia a distribuição territorial da produção e da circulação das mercadorias. Os trabalhos eram geográficos e econômicos.

Quando houve a mudança de abordagem teórico-metodológica na Geografia com a internalização do marxismo, o econômico na Geografia Econômica passou a ser entendido como elemento do discurso. Nos trabalhos de Geografia Econômica, o econômico aparece como um elemento explicativo para se pensar geograficamente uma temática de natureza econômica.

⁷ Sobre as contribuições deste instrumental para a Geografia ver Quaini, Massimo. *Marxismo e Geografia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

⁸ Um exemplo importante dessa análise crítica é o texto de Ruy Moreira intitulado “Assim se passaram dez anos (A renovação da Geografia no Brasil - 1978-1988)” publicado no Caderno Prudentino de Geografia, nº 14, 1992 pela AGB/Presidente Prudente no qual procura discutir os principais problemas e equívocos da Geografia Crítica.

⁹ Benko (1996) destaca a teoria da regulação como uma abordagem importante para o entendimento do novo quadro econômico mundial. O autor define a teoria da regulação do capitalismo como a da gênese, do desenvolvimento e do declínio das formas sociais, da transformação em que se movem as separações que o constituem. Seus elementos essenciais são: rejeição da problemática do equilíbrio geral; vontade de introduzir o tempo histórico e as mudanças nas formas sociais do capitalismo e suas modalidades de ajustamento dinâmico a curto e a médio prazo; união entre o trabalho teórico de elaboração de conceitos intermediários e a periodização das regulações.

...isso porque o materialismo dialético destacava a importância da infra-estrutura econômica como a base econômica da sociedade para o entendimento desta. Sendo assim, o econômico deveria ser pensado como um componente essencial do discurso. Daí os trabalhos de Geografia Econômica terem mudado seu entendimento de econômico em relação ao período anterior.

Os trabalhos passaram, então, a abordar geograficamente questões de natureza econômica tendo o econômico como componente da interpretação, que permeava todo o trabalho geográfico como parte deste.

Desta forma, a abordagem teórico-metodológica utilizada pela Geografia Econômica tem relação direta com o entendimento de econômico dentro dos trabalhos. Os exemplos anteriores reforçam este entendimento à medida em que, como vimos, com a mudança do entendimento teórico-metodológico os trabalhos de Geografia Econômica não mais viram o econômico como uma parte do trabalho geográfico, ele passou a fazer parte do próprio discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, M. Kerli C. P. **A via direta ao consumidor- estrutura e localização do comércio têxtil na cidade de Americana - SP.** 1997. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- ALVES, Alice Y. **Produtores e processadores do ramí (o caso de Londrina – PR).** 1984. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ARON, Georges. **Economia, espaço e globalização: na aurora do século XXI.** São Paulo: Boitemp, 1996.
- BARROS, Geisa D. G. **O Comércio atacadista de Uberlândia (MG): mudanças tecnológicas e estratégias territoriais.** 1997. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- BARROS, Walquíria K. **A Atividade agrícola e a evolução da modernização da agricultura no Estado de Santa Catarina – 1950 a 1975.** 1981. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- BARROS, Milton. **Estudo dos fluxos de transporte de cargas na área de influência de Campos Novos – SC.** 1991. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BARROS, Sílvia A. S. **Epistemologia da pesquisa em educação: estruturas lógicas e tendências metodológicas.** 1987. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BARROS FILHA, Irene. **Garimpos de cassiterita – pesquisa geográfica.** 1983. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BARROS, Conceição A. Q. **Economia leiteira do bolsão sul-matogrossense.** 1994. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.
- BARROS, José. **Os Anéis da dependência: estudo geográfico da floricultura em Barbacena.** 1978. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BARROS, Luiz C. **Novo espaço da produção: os tecnopólos.** 1994. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BARROS, Sérgio B. **Geografia econômica: revendo temas e conceitos.** In: MELLO, Jayro G. (Org.) **Região, cidade e poder.** Presidente Prudente: GASPERR, 1996.

- MARTIN, Ron. Teoria econômica e geografia humana. In: GREGORY, Derek et al (Orgs.) **Geografia humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. p.31-64.
- MEGALE, Januário F. **A Bananicultura no litoral paulista: um estudo de geografia econômica**. 1975. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MENDES, Auro A. **A Implantação industrial em Sumaré: origens, agentes e efeitos**. 1991. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- NUNES, Flaviana G. **A Geografia econômica na produção científica acadêmica dos programas de pós-graduação em geografia no estado de São Paulo**. 2000. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.
- OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. **Contribuição para o estudo da geografia agrária: crítica ao "Estado isolado" de von Thünen**. 1978. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo
- OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. Geografia e ensino: os parâmetros curriculares nacionais em discussão. In: CARLOS, Ana F. A.; OLIVEIRA, Ariovaldo U. de (Orgs.) **Reformas no mundo da educação: parâmetros curriculares e geografia**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 43-67.
- ORTIGOZA, Sílvia Ap. G. **As Franquias e as novas estratégias do comércio urbano no Brasil**. 1996. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- PIRES, Hindemburgo F. **Reestruturação industrial e alta tecnologia no Brasil: as indústrias de informática em São Paulo**. 1995. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo
- PONTUSCHKA, Nídia N. **Suzano e o impacto da industrialização**. 1979. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo
- RODRIGUES, Maria L. E. **A Expansão Industrial e o Processo de Produção do Espaço em Betim**. 1980. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo
- ROSSETTI, Eliane G. **Flexibilização da Produção: a terceirização na indústria de Limeira, SP**. 1996. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- SANTOS, Regina C. B. dos. **Rochdale e Alphaville: formas diferenciadas de apropriação e ocupação da terra na metrópole paulistana**. São Paulo, 1994. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo
- SCARLATO, Francisco C. **A Indústria Automobilística no Capitalismo Brasileiro e suas Articulações com o Crescimento Espacial na Metrópole Paulistana**. 1981. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo
- SEABRA, Manoel F. G. **As Cooperativas Mistas do Estado de São Paulo: estudo de Geografia Econômica** 1973. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo
- SILVA, Lenyra R. da. **A Cultura da Batata no Estado de São Paulo e seus Problemas**. 1977. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo
- SILVA, Lenyra R. da. **O Espaço da Pequena Produção em Maraxanguape-RN**. 1986. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo

Orgs.)
grafia
ências
1991.
Rio
dos
mação
dente
a ao
Letras
as em
as no
99. p.
no
dual
trias
as e
mação
ulo.
o em
anas,
eira,
dual
ão e
ado.
as
mas
mação
ulo.
de
cias
77.
de
ese
ulo.

POSITO, Eliseu S. **Produção e Apropriação da Renda Fundiária Urbana em Presidente Prudente** – SP. 1990. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo

POSITO, Maria E. B. **O Chão Arranha o Céu: a lógica da (re)produção monopolista da cidade**. 1991. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo

POSITO, Maria E. B. **O Chão em Presidente Prudente: a lógica da expansão territorial urbana**. 1983. Dissertação (Mestrado) Instituto de Geociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

TSUKAMOTO, Ruth Y. **Teiticultura no Brasil: subordinação e dependência**. 1994. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo